

# Diversão & Arte

Fotos: MetropolitanFilmExport/Divulgação; 70 Veneza/Divulgação; Festival, Verlux; 70 Veneza/Divulgação; Passage Pictures/Divulgação; Focus Features/Divulgação; Vision Distribution/Divulgação e Redrum/Divulgação



## O ABRE-ALAS DO CINEMA AUTORAL

EXIBIÇÕES EM CINEMAS, VERTENTES DE SÉRIES E FESTIVAIS EM PLATAFORMAS TRAZEM UM AMPLO ESPAÇO PARA OS CHAMADOS FILMES DE ARTE

» RICARDO DAEHN

O impacto de um tipo de cinema transformador e provocativo ecoa por décadas e, claro, pode ser medido pelos estímulos (ou entraves) governamentais para que seja difundido entre povos e culturas. Exemplo gritante do incômodo que pode causar está no mais recente longa-metragem assinado pelo iraniano Jafar Panahi, chamado *No bears*. Dado o teor da filmografia de Panahi, ele, com passagem multiplicada por festivais internacionais, enfrenta a prisão (em cumprimento à sentença iraniana do começo dos anos 2010). Não por acaso, *No bears* é centrado em amores que enfrentam a clandestinidade e em sentimentos represados, obstáculos e opressão.

Num crescente asfixiado pelo circuito mais interessado em abraçar garantidos estrondos de bilheteria dos blockbusters, os filmes com assinatura de cineastas empenhados em defender conceitos, pluralidade de temas e traçado artístico resistem. Percebido como espécie de concorrente do circuito, o streaming trata de apagar o estigma, cooptando cineastas de grife para o meio, no desenvolvimento de séries. Depois do sueco Ingmar Bergman, um dos cineastas mais notabilizados por conteúdo e estética, ter o clássico *Cenas de um casamento* (1973) adaptado para a HBO, em *Scenes from a marriage*; uma vitrine forte como o Festival de Veneza (ao fim do mês) trará cineastas como Oliver Stone (obcecado pela dramatização de feridas americanas, em filmes como *George W. Bush*, *Nixon* e *JFK*) investindo numa escala documental, enquanto diretores como Lars von Trier e Nicolas Winding Refn despontarão no evento com séries internacionais.

“Séries trazem um fluxo de energia que funciona a todo momento: são acessíveis e de consumo à mão, sempre que se quer”, comentou, ao site IndieWire, Nicolas Winding Refn, que exibirá ao mundo Copenhague cowboy, série detida no submundo do crime Dinamarca. A experiência com a Netflix de um “neo-noir” em seis episódios dá sequência à obra em cinema com filmes como *Só Deus perdoo* e *Drive*. Refn viu a experiência na série como “a ideologia, totalmente nova, de como existir”. Reconhecido pela produção densa de filmes violentos como *Anticristo* (2009) e *Ninfomaníaca* (2013), o dinamarquês Lars von Trier exibirá, em breve, cinco episódios de *Riget Exodus*. Na série, portas se abrem para uma conexão com *The Kingdom*, produto audiovisual fantasmagórico que examinava o completo colapso de uma instituição hospitalar.

O ambiente de consultórios e hospitais psiquiátricos se apresenta na obra de um dos maiores estetas do

cinema mundial: o sueco Ingmar Bergman. Morto há 15 anos, ele ganhou uma breve retrospectiva (acessível no Telecine Cult da GloboPlay). Premiado em festivais como Veneza e Berlim, o filme *Morangos silvestres* (1957) está no pacote que ainda inclui *O sétimo selo*, destacado em Cannes, e *Face a face*, raro longa do mestre do aprofundamento psicológico que, nos anos de 1970, colocou a parceria de longa data Liv Ullmann em performances expressivas como a de *Face a face*, pelas quais conquistou ao Globo de Ouro, o Oscar e ao britânico Bafta.

Contemporâneo do mestre sueco, Pier Paolo Pasolini, um dos cineastas mais provocativos de todos os tempos, teve o clássico *Mamma Roma* (1962) recentemente exibido na 81/2 Festa do Cinema Italiano, iniciativa difusora de uma refinada sétima arte. Partidário da mesma linha, o Festival Varilux (trampolim para a estreia de fitas francesas) trouxe visibilidade para o musical *Tralala*, estrelado por Mathieu Amalric e em cartaz na cidade. Com atores usando máscaras (dada a Covid-19), o longa revela a trajetória de um pobre músico parisiense que se vê encantado por uma mulher anônima.

Uma dupla poderosa de cineastas autorais, atualmente, ocupa telas de cinemas de Brasília. *Um herói*, vencedor do Grande Prêmio do Festival de Cannes, traz a inconfundível assinatura do iraniano Asghar Farhadi, que, desde 2009, com *Procurando Elly*, celebra uma estrada de sucessos que inclui *O apartamento*, *A separação* e *O passado*, todos ancorados em roteiro rocamboloso e mirabolante. Com *Um herói* não é diferente: um homem endividado luta incessantemente em limpar o nome e deixar a cadeia. Dono de filmes esquisitos, do naipe de *Spider* e de *Gêmeos — Mórbita semente*, o octogenário David Cronenberg volta a perturbar com o longa *Crimes of the future*, exibido nos cinemas e ainda na plataforma Mubi. Deformidades mentais e físicas estão ressaltadas no enredo que mistura cirurgia e sexo, num período decadente em que materiais sintéticos e tatuagens se encontram no curso de uma discutível evolução humana. De gosto muito discutível também, a nova obra do tailandês Apichapong

Weerasethakul, *Memória*, que coloca a personagem de Tilda Swinton buscando origens, na Colômbia, está disponível no streaming da Mubi. A Mostra Ecofalante de Cinema (com programação, até 17 de agosto, em [www.ecofalante.org.br](http://www.ecofalante.org.br)) é outra via de acesso para uma centena de filmes reveladores de originalidade.

### A caminho

Entre os filmes que vão despontar, em futura temporada dos cinemas e streamings, muitos chegam embalados com a carga autoral. Já negociado com a Netflix, *Bardo* marca o retorno ao México Alejandro González Iñárritu, depois de *O regresso* (2016). *Memórias* e o olhar para realidade contemporânea de um jornalista e documentarista se misturam no roteiro coescrito por Nicolás Giacobone (parceiro de Iñárritu em filmes com alta carga artística como *Biutiful* e *Birdman*). Também criado com a expectativa do retorno, Todd Field, autor de *Entre quatro paredes* (2001) e *Pecados íntimos* (2006), fitas independentes bem destacadas pelo Oscar. Aos 58 anos, o diretor emplaca Tár, embalado pela jornada da maestra Lydia Tár (Cate Blanchett), pronta para atravessar campo de poder e destruição, ao se afirmar como primeira profissional a desbravar o ambiente de uma Orquestra sinfônica habitada por ideologia bastante machista.

Sob a chancela da Netflix, o drama *White noise*, adaptado pelo cineasta Noah Baumbach da literatura de Don DeLillo, abrirá o Festival de Veneza. Autor de títulos como *História de um casamento* (2019) e *Frances Ha* (2012), Baumbach traz Adam Driver e Greta Gerwig, num elenco que ainda inclui Don Cheadle, na pele de um casal em crise, com o romance lançado em 1985. Por cinco vezes casado e pesquisador dos feitos de Hitler, o professor Gladney (Driver), pai de quatro filhos, entra em extremados debates com a esposa sobre a possibilidade de ser o primeiro a morrer. Ambos, por sua vez, buscam terapias de cura, dada o medo extremado da morte,

insuflado pelas ameaças química na cidade em que moram, sempre sob simulações e treinamentos de evacuação de emergência.

Depois de investir forte em tramas perturbadoras e que mexiam com transformações no corpo das personagens femininas de *Cisne Negro* (em que Natalie Portman alçava voo) e *Réquiem para um sonho* (no qual a veterana Ellen Burstyn definhava), o diretor Darren Aronofsky prepara para 2022, o lançamento de *A baleia*, em que o ex-galã Brendan Fraser (*A múmia*) encabeçará um tipo de 272 quilos preocupado em estreitar laços perdidos junto à filha. O diretor de fotografia Matthew Libatique — de títulos como *Nasce uma estrela* e *Mãe!* — responde pela atmosfera visivelmente tensa do longa.

Também no filão de filmes esperados pelos cinéfilos mais exigentes, o diretor inglês Martin McDonagh comparecerá, em breve, nas telas, com *The Banshees of Inisherin*, cinco anos depois da conquista de prêmios Oscar para os atores Sam Rockwell e Frances McDormand, em *Três anúncios para um crime*. O novo filme, a exemplo de *Na mira do chefe*, que lançou McDonagh em 2008 e trazia cidade belga com muita relevância, é centrado em uma ilha na Irlanda com cotidiano propenso para que personagens como o de Colin Farrell (*O Pinguim de Batman*) reneguem amizades.

Conhecido, mundialmente, pelo sucesso de *Me chame pelo seu nome* (2017), o cineasta Luca Guadagnino é outro com filme de toques autorais a chegar nos cinemas, ainda em 2022: *Bones and all*. No mesmo compasso de horror que impregnou a adaptação do clássico *Suspiria* (2018), Guadagnino traz para o primeiro plano os personagens Lee (Timothée Chalamet) e Maren (a atriz canadense Taylor Russell, de *Escape room*), saídos da literatura de Camille de Angelis, na qual jovens podem muito bem empreender uma jornada de entendimento para compulsões canibais.

### ANTÔNIO PITANGA // ATOR DE CASA DE ANTIGUIDADES

O que caracteriza o cinema autoral, em um filme como *Casa de antiguidades*, que representou o Brasil no Festival de Cannes e foi recém-exibido nas telonas?

O que caracteriza o cinema autoral é exatamente uma assinatura de uma época, de um olhar, de uma década, de pessoas comprometidas com todo o processo político, social e racial. Há a questão de o povo ser trazido para o primeiro plano. É a grita desse povo sofrido, oprimido e a assinatura de um diretor presente, como um caso de João Paulo Miranda Maria. Ele traz exatamente, com relevância, a problemática brasileira.

### Consegue perceber um cinema negro brasileiro, como um todo, formando painel?

Claro que percebo. Percebo a presença deste painel do cinema, que é brasileiro e é um cinema internacional, mas principalmente, brasileiro. Na tela, há o surgimento maciço da problemática negra: seja na questão racial, na invisibilidade e na questão exatamente de todo tipo de preconceito. Então o cinema brasileiro se propõe também a isso: denunciar. Vejo, e tenho certeza de que é um painel bastante dos tempos de hoje, atuais, e que representa, sim, esse momento. Há a tela e o grito desta população negra.

### Você se percebe como um representante do cinema autoral, dada a carreira?

Não sei se me considero um representante de cinema nacional. Talvez, pela longa carreira e de ter grandes participações em mais 80 filmes e, principalmente, na implantação e no surgimento de um dos movimentos mais importantes no cinema brasileiro e internacional que foi o cinema novo. Ele veio, como veio a *novelle-vague* e o neorealismo. O próprio cinema americano tinha uma proposta autoral. Tudo se identifica em *Casa de antiguidades*. No cinema de autor, se vê a assinatura de um Glauber Rocha, de um Leon Hirszman, de um Cacá Diegues, de um Joaquim Pedro dos Santos, de um Nelson Pereira dos Santos e de um Ruy Guerra. São as assinaturas que identificam que movimento é esse: que identidade é essa, brasileira. Que tempo é este que nós vivemos no passado, e estamos vivendo hoje. Então, a assinatura é importante. *Casa de antiguidades* é autoral, como foi o *Barravento*, a grande *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, *A grande cidade*. Há tantos outros: *Macunaíma*, *São Bernardo*, *Os fuzis* e *Os deuses e os mortos* — todos trazem registro autoral.



Carlos Eduardo Cavalcini/Divulgação